EDITORIAL

O CiFEFiL tem o prazer de apresentar-lhe este número 93, da Revista *Philologus*, do primeiro semestre de 2026, em sua versão eletrônica. Em duzentas e setenta e sete páginas, com quinze artigos e duas resenhas, este número, que corresponde aos meses de janeiro a julho, teve colaborações dos seguintes autores, por ordem alfabética: Adelson Oliveira Mendes (p. 273-77), Allison Guimarães Andrade (p. 31-48), Carlos Roberto Ludwig (p. 117-34 e p. 135-53), Danielle Reis Araújo (p. 89-101), Débora Aparecida Zachara dos Santos (p. 31-48), Débora Marques Rocha (p. 197-212), Eduarda Belo de Souza (p. 169-85), Elisabeth Ramos da Silva (p. 31-48), Fabio Carlos Noret Junior (p. 169-85), Florisbete de Jesus Silva (p. 232-47), Franciele Maria Martiny (p. 154-68), Gabriel Alves da Silva (p. 186-96), Gbènoukpo Gérard Nouatin (p. 213-31), Guilherme Balieiro Gomes (p. 70-88), Iara Cardoso de Sá (p. 12-30), João Paulo da Silva Nascimento (p. 169-85), (p. 11-30), Lara da Silva Cardoso (p. 267-72), Leonardo Jovelino Almeida de Lima (p. 248-66), Lucirene da Silva Carvalho (p. 12-30), Marcela Pessoa Marques Ramalho (p. 102-16), Maria Cecilia Casini (p. 49-69), Mariana Cortez (p. 154-68), Mônica Gabriela Kalschne (p. 154-68), Patrícia Oliveira de Freitas (p. 70-88), Roberta Cantarella (p. 273-77), Rafael Aranha de Sousa (p. 186-96), Rosana Ferreira Alves (p. 197-212), Sérgio Monzato de Freitas Júnior (p. 70-88), Tatiana Maria Lefundes (p. 197-212), Vitória Santos Silva (p. 267-72) e Viviane Alves Caldas (p. 248-66).

No primeiro artigo, de autoria de Iara Cardoso de Sá e Lucirene da Silva Carvalho, discute-se sobre os desafios da formação leitora e escritora na perspectiva do Letramento, conceito desenvolvido por Soares (2012, p. 107) para designar que "letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita". Este estudo procurou identificar que é a partir das práticas de letramento que o aluno manifesta a leitura e, que se faz necessário trabalhar, em sala de aula, textos condizentes com a realidade em que o estudante está inserido, viabilizando a participação e envolvimento do aluno, de maneira positiva.

No segundo artigo, Débora Aparecida Zachara dos Santos, Elisabeth Ramos da Silva e Allison Guimarães Andrade apresentam os resultados de uma pesquisa, cujo objetivo foi analisar o tratamento dado ao ensino de gramática no currículo de uma Rede Municipal de Ensino do estado de São Paulo. Pautados em Vigotski (2001), Schneuwly e Martin

(2022), partiu-se do princípio de que a aprendizagem da gramática permite a tomada de consciência dos aspectos formais da língua.

No terceiro artigo, Maria Cecilia Casini propõe uma releitura da teoria do *Fanciullino*, de Giovanni Pascoli, à luz da filosofia da linguagem e de teorias pós-estruturalistas sobre a infância como categoria epistemológica. Partindo do ensaio *Il Fanciullino* (1897), a autora examina como Pascoli desloca a poesia italiana do século XIX de seus eixos históricos e retóricos, representados por Carducci e D'Annunzio, para uma ontologia do fragmento, em que a percepção infantil critica o racionalismo positivista, e Conclui que Pascoli não apenas reinventa a subjetividade poética, mas funda uma epistemologia do sensível, na qual o fonossimbolismo assume função crítica diante da modernidade.

Patrícia Oliveira de Freitas, Sérgio Monzato de Freitas Júnior e Guilherme Balieiro Gomes, nesse quarto artigo, apresentam um relato de experiência, em que expõem uma prática de leitura guiada realizada com alunos do terceiro ano do Ensino Médio em uma escola estadual do Rio de Janeiro. O principal objetivo da atividade foi observar quais efeitos emergem da execução de estratégias antes, durante e após a leitura do texto (Solé, 2014) para uma compreensão leitora proficiente em contextos digitais. Essa prática de leitura guiada evidenciou que o corpo discente construiu inferências sobre o texto e verificou hipóteses formuladas antes e durante a leitura, promovendo reflexão crítica sobre o texto a partir da mobilização de conhecimentos prévios.

No quinto artigo, Danielle Reis Araújo faz uma análise do conto "No seu pescoço" (2009), de Chimamanda Ngozi Adichie, a partir das categorias de identidade, memória e deslocamento em narrativas subalternas negras. A autora procura refletir sobre a marginalização da mulher negra em uma sociedade de valores eurocêntricos, destacando como os discursos pessoais revelam múltiplas vozes de resistência, para evidenciar os obstáculos enfrentados por figuras femininas negras diante da opressão étnica, biológica e social em contextos hegemônicos.

Em seguida, Marcela Pessoa Marques Ramalho apresenta o projeto "Prevenção ao Abuso Infantil na Primeira Infância", que fora desenvolvido pelos alunos gremistas da Escola Estadual Francisco Leão, com foco na conscientização e prevenção do abuso infantil. O projeto, que, segundo a autora, produziu resultados significativos, incluindo uma cartilha formativa baseada nos relatos das crianças, realizou-se no CMEI Vo-

vó Ozona Bedá, em Rio Largo-AL, com nove visitas ao longo de nove meses, envolvendo ativamente crianças, pais e a comunidade local.

No sétimo artigo, Carlos Roberto Ludwig procura analisar os mecanismos de articulação da hipotaxe adverbial conclusiva na Libras, descrevendo como sentenças complexas são estruturadas para expressar relações de conclusão por meio da hipotaxe adverbial. Com essa pesquisa, o autor questiona a dicotomia tradicional entre coordenação e subordinação, propondo que as orações conclusivas se situam no *continuum* gradiente da hipotaxe devido à sua dependência sintática e semântica.

Em seguida, no oitavo artigo, Carlos Roberto Ludwig faz uma análise da antiga sociedade romana como um sistema integrado de hierarquias jurídicas, econômicas, políticas e simbólicas, propondo superar interpretações que a descrevem como estrutura rigidamente estratificada ou como ordem excessivamente fluida. Ao articular ordens sociais, escravidão, poder doméstico, espaço, cidadania e espetáculo, o artigo propõe compreender a sociedade romana como uma ordem dinâmica, profundamente desigual, capaz de produzir coesão e estabilidade política por meio da legitimação cotidiana da hierarquia.

Franciele Maria Martiny, Mônica Gabriela Kalschne e Mariana Cortez, nesse nono artigo, apresentam uma proposta didática com base na obra "Era uma vez em La Fronteira Selvagem" (2019), de Douglas Diegues, focalizando a possibilidade de uso do portunhol selvagem como linguagem literária e prática cultural de resistência na educação escolar. Ao explorar o portunhol selvagem como linguagem transgressora e ferramenta de mediação intercultural, essa proposta didática objetiva contribuir para a desconstrução de discursos hegemônicos e para o reconhecimento de práticas linguísticas marginalizadas nas Américas.

Eduarda Belo de Souza, Fabio Carlos Noret Junior e João Paulo da Silva Nascimento, no décimo artigo, a partir dos estudos culturais e pós-coloniais, analisam comparativamente o *rap* e o *slam* surdo como práticas artísticas e políticas produzidas em contextos de desigualdade social e racial. A análise evidencia aproximações e tensões entre essas expressões, considerando suas especificidades linguísticas e sensoriais, sobretudo no caso do *slam* surdo, em que a língua de sinais tensiona regimes normativos de linguagem e literatura.

A seguir, no décimo primeiro artigo, Gabriel Alves da Silva e Rafael Aranha de Sousa apresentam uma leitura crítica do conto "Mutola, a ungida", de Paulina Chiziane, articulando aportes do feminismo negro e

da crítica decolonial como ferramentas de análise literária. Os autores concluem que "Mutola, a ungida" materializa literariamente uma crítica às estruturas coloniais de poder, ao inscrever o corpo feminino negro como espaço de ação, memória e transformação social.

No décimo segundo artigo, Rosana Ferreira Alves, Débora Marques Rocha e Tatiana Maria Lefundes analisam a presença e o tratamento dos gêneros textuais nas provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) entre os anos de 2015 e 2024. Os resultados indicam uma ampliação e diversificação progressiva dos gêneros, com ênfase na sua função social e no desenvolvimento da argumentação.

Gbènoukpo Gérard Nouatin apresenta, no décimo terceiro artigo, uma reflexão acerca da língua Benim, que, segundo Amadou Sanni e Atodjinou (2012), abriga cerca de sessenta línguas indígenas, ao lado do francês – a língua do (antigo) colonizador –, que exerce domínio sociopolítico sobre elas. Consequentemente, este artigo aborda, em francês, as razões pelas quais a política linguística nacional necessita de reforma para favorecer melhor as línguas locais. O autor procura refletir sobre os desafios educacionais que uma política linguística mais equitativa em relação às línguas indígenas ajudaria o Benim a enfrentar de maneira mais eficaz.

No décimo quarto artigo, Florisbete de Jesus Silva discute sobre as contribuições da Semântica do Acontecimento para a análise de sentidos em "escrevivências". A Semântica do Acontecimento é uma construção teórico-enunciativa de análise, desenvolvida por Eduardo Guimarães (2005 [2002]; 2018), a qual considera que os sentidos emergem no texto mediante relação com a enunciação, com a história e com os sujeitos constituídos na e pela linguagem.

O décimo quinto e último artigo, de Leonardo Jovelino Almeida de Lima e Viviane Alves Caldas, tem, como objetivo, compreender e identificar os processos cognitivos que são ativados na conceptualização de Ogum e São Jorge, na intenção de verificar como ocorre a produção de sentidos dessas duas divindades através de representações históricas e imagéticas. As análises realizadas ofereceram as conceptualizações de Ogum e São Jorge através da ativação de relações vitais de espaço externo e interno.

Depois desses quinze artigos, seguem uma resenha crítica de Vitória Santos Silva e Lara da Silva Cardoso sobre a obra *Gramática histó-*

rica do português europeu, de Esperança Cardeira, e uma resenha em inglês de Adelson Oliveira Mendes e Roberta Cantarella sobre a peça "Hamlet", de Shakespeare.

Concluindo, o CiFEFiL agradece pelas críticas que nos puder enviar sobre este número da Revista *Philologus*, visto que pretende produzir um periódico cada vez melhor e mais interessante para o aperfeiçoamento da interação acadêmica dos profissionais de Linguística e Letras.

Aproveitamos para agradecer aos colegas que nos têm apoiado e que vêm contribuindo com seus artigos e resenhas, avaliações e pareceres, assim como vêm indicando nosso periódico aos seus orientandos.

Lembramos que a nossa Revista *Philologus* ainda corre o risco de encerrar as suas atividades, pois ainda é pequeno o número de submissões recebidas, apesar de a Capes ter reparado aquela injusta avaliação, que nos desqualificava com o Extrato C. Voltamos a ter Qualis A e continuamos procurando elevar a qualidade das nossas publicações. Por isso, esta RPh 93, que teria sido publicada no início de agosto ao final do primeiro semestre do corrente ano, está sendo publicada neste mês de setembro, já que esta RPh passou a ser um periódico semestral.

Não informamos um Dossiê para esse semestre e, por isso, esta RPh 93 é constituída de submissões para o fluxo contínuo. Esperamos receber uma Proposta de Dossiê para o próximo número da RPh. Lembramos que qualquer professor da área de Estudos da Linguagem pode enviar uma Proposta de Dossiê, pela qual ficamos imensamente agradecidos.

Lembramos, ainda, que continuamos com "Chamadas de fluxo contínuo" e com a política de oportunizar aos estudantes e pesquisadores em geral o espaço para publicarem seus trabalhos de tema livre, sendo que, no caso de alunos de graduação, só podem ser aceitos os artigos assinados conjuntamente pelos respectivos orientadores.

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 2026.

Editor-Chefe da Revista *Philologus*